

OS OITENTA ANOS DO INÍCIO DA II GUERRA MUNDIAL: A INVASÃO ALEMÃ DA POLÔNIA (PARTE I)

Por Luiz Reis*



Tropas alemãs desfilam em Varsóvia (Foto: National Archives and Records Administration/Wikimedia)

A Invasão da Polônia pela Alemanha, conhecida na Polônia como a “Campanha de Setembro” (Kampania wrześniowa) ou a “Guerra Defensiva de 1939” (Wojna obronna 1939 roku), e na Alemanha como a “Campanha da Polônia” (Polenfeldzug), marcaram o início da Segunda Guerra Mundial. A invasão alemã começou em 1 de setembro de 1939 (uma sexta-feira), uma semana após a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop entre a Alemanha e a União Soviética. Os soviéticos invadiram a Polônia em 17 de setembro. A campanha terminou em 6 de outubro, com a Alemanha e a União Soviética dividindo e anexando toda a Polônia nos termos do Tratado de Fronteira Alemanha-Soviética.

As forças alemãs invadiram a Polônia do norte, sul e oeste na manhã seguinte ao “Incidente de Gleiwitz” (O incidente foi uma operação conduzida no dia 31 de agosto de 1939 por forças alemãs que se passaram por soldados poloneses e atacaram uma estação de rádio alemã em Gleiwitz, na fronteira com a Polônia. Foi a “justificativa” alemã para a invasão da Polônia). As forças militares eslovacas avançaram ao lado dos alemães no norte da Eslováquia. À medida que a Wehrmacht avançava, as forças polonesas se retiravam de suas bases avançadas de operação, perto da fronteira entre a Polônia e a Alemanha, para linhas de defesa mais estabelecidas no leste.

Após a derrota polonesa de meados de setembro na Batalha de Bzura, os alemães ganharam uma vantagem indiscutível. As forças polonesas então se retiraram

para o sudeste, onde se preparavam para uma longa defesa da chamada “Cabeça-de-Ponte Romena” (um meio dos poloneses ainda garantirem suprimentos e ajuda do Ocidente) e esperavam o apoio e alívio esperados da França e do Reino Unido. Enquanto esses países fizeram pactos com a Polônia e declararam guerra à Alemanha em 3 de setembro, no final, sua ajuda à Polônia foi muito limitada.

Em 17 de setembro, o Exército Vermelho Soviético invadiu a Polônia Oriental, território que caiu na “esfera de influência” soviética, de acordo com o protocolo secreto do Pacto Molotov-Ribbentrop; isso tornou obsoleto o plano de defesa polonês. Diante da segunda frente, o governo polonês concluiu que a defesa da Cabeça-de-Ponte Romena não era mais viável e ordenou uma evacuação de emergência para neutralizar a Romênia. Em 6 de outubro, após a derrota polonesa na Batalha de Kock, as forças alemãs e soviéticas ganharam controle total sobre a Polônia. O sucesso da invasão marcou o fim da Segunda República Polonesa, embora a Polônia nunca tenha se rendido formalmente.

Em 8 de outubro, após um período inicial de administração militar, a Alemanha anexou diretamente o oeste da Polônia e a antiga cidade livre de Danzig e colocou o restante bloco de território sob a administração do recém-estabelecido Governo Geral. A União Soviética incorporou suas áreas recém-adquiridas em suas repúblicas constituintes da Bielorrússia e Ucrânia e iniciou imediatamente uma campanha de “Sovietização” dos territórios recém-conquistados. Após a invasão, várias organizações de resistência formaram o Estado Subterrâneo Polonês no território do antigo estado polonês. Muitos dos exilados militares que conseguiram escapar da Polônia juntaram-se posteriormente às Forças Armadas Polonesas no Ocidente, uma força armada leal ao governo polonês no exílio.

Antecedentes

No dia 30 de janeiro de 1933, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), liderados por Adolf Hitler, chegou ao poder na Alemanha. Embora a República de Weimar tenha procurado anexar territórios pertencentes à Polônia por muito tempo, foi ideia própria de Hitler e não uma realização dos planos de Weimar de invadir e dividir a Polônia, anexar a Boêmia e a Áustria e criar Estados satélites ou marionetes economicamente subordinados à Alemanha. Como parte dessa política de longo prazo, Hitler adotou inicialmente uma política de aproximação com a Polônia, tentando melhorar a opinião na Alemanha, culminando no Pacto de Não Agressão Alemão-Polonês de 1934.

Anteriormente, a política externa de Hitler trabalhou para enfraquecer os laços entre a Polônia e a França e tentou manobrar a Polônia no Pacto Anti-Comintern, formando uma frente de cooperação contra a União Soviética. A Polônia receberia território a nordeste da Ucrânia e da Bielorrússia se concordasse em fazer guerra contra a União Soviética, mas as concessões que os poloneses deveriam fazer significavam que sua terra natal se tornaria amplamente dependente da Alemanha, funcionando tão pouco como um cliente Estado.

Os poloneses temiam que sua independência acabasse sendo ameaçada por completo; historicamente Hitler já havia criticado sobre o direito de a Polônia ser independente em 1930, escrevendo que poloneses e tchecos são “(...) uma

multidão que não vale um centavo a mais que os habitantes do Sudão ou da Índia. Como eles podem exigir os direitos de estados independentes?”

A população da Cidade Livre de Danzig era fortemente a favor da anexação pela Alemanha, assim como muitos dos habitantes étnicos alemães do território polonês que separavam o exclave alemão da Prússia Oriental do resto do Reich. O chamado “Corredor Polonês” constituía terras há muito disputadas pela Polônia e Alemanha e habitadas por maioria polonesa. O corredor tornou-se parte da Polônia após o Tratado de Versalhes.

Muitos alemães também queriam que a cidade portuária urbana de Danzig e seus arredores (incluindo a Cidade Livre de Danzig) fossem reincorporados para a Alemanha. A cidade de Danzig possuía maioria alemã e fora separada da Alemanha depois de Versalhes e transformada em Cidade Livre nominalmente independente. Hitler procurou usar isso como *casus belli*, um motivo de guerra, reverter as perdas territoriais pós-1918 e, em muitas ocasiões, apelou ao nacionalismo alemão, prometendo “libertar” a minoria alemã ainda no corredor, assim como Danzig.

A invasão foi referida pela Alemanha como Guerra Defensiva de 1939 (Verteidigungskrieg) desde que Hitler proclamou que a Polônia havia atacado a Alemanha e declarou que “os alemães na Polônia são perseguidos com um terror sangrento e são expulsos de suas casas. A série de violações nas fronteiras, que são insuportáveis para uma grande potência, prova que os poloneses não estão mais dispostos a respeitar a fronteira alemã”.

A Polônia participou com a Alemanha na partição da Tchecoslováquia que se seguiu ao Acordo de Munique, embora eles não fizessem parte do acordo. Coagiu a Tchecoslováquia a render a região de Český Těšín, emitindo um ultimato nesse sentido em 30 de setembro de 1938, aceito pela Tchecoslováquia em 1º de outubro. Essa região tinha maioria polonesa e havia sido disputada entre a Tchecoslováquia e a Polónia após a Primeira Guerra Mundial. A anexação polonesa do território eslovaco (várias aldeias nas regiões de Čadca, Orava e Spiš) serviu posteriormente como justificativa para o estado eslovaco se juntar à invasão alemã.

Em 1937, a Alemanha começou a aumentar suas demandas por Danzig, enquanto propunha que uma estrada extraterritorial, parte do sistema Reichsautobahn, fosse construída para conectar a Prússia Oriental à Alemanha propriamente dita, atravessando o corredor polonês. A Polónia rejeitou esta proposta, temendo que, depois de aceitar essas demandas, ela se tornasse cada vez mais sujeita à vontade da Alemanha e, eventualmente, perdesse sua independência como os tchecos. Os líderes poloneses também desconfiavam de Hitler.

Os britânicos também desconfiavam da crescente força e assertividade da Alemanha, ameaçando sua estratégia de equilíbrio de poder. No dia 31 de março de 1939, a Polónia formou uma aliança militar com o Reino Unido e com a França, acreditando que a independência da Polónia e a integridade territorial seriam defendidas com seu apoio, caso fosse ameaçada pela Alemanha. Por outro lado, o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain e seu secretário de

Relações Exteriores, Lord Halifax, ainda esperavam fazer um acordo com Hitler sobre Danzig (e possivelmente o Corredor Polonês). Chamberlain e seus apoiadores acreditavam que a guerra poderia ser evitada e esperavam que a Alemanha concordasse em deixar o resto da Polônia em paz. A hegemonia alemã sobre a Europa Central também estava em jogo. Em particular, Hitler disse em maio que Danzig não era a questão importante para ele, mas a busca de Lebensraum pela Alemanha.

Fim das conversações e intensificações dos preparativos para a guerra

Com as tensões aumentando, a Alemanha voltou-se para uma diplomacia agressiva. Em 28 de abril de 1939, Hitler retirou-se unilateralmente do Pacto de Não Agressão Alemão-Polonês de 1934 e do Acordo Naval de Londres de 1935. As conversas sobre Danzig e o Corredor terminaram e meses se passaram sem interação diplomática entre a Alemanha e a Polônia.

Durante esse período intermediário, os alemães descobriram que a França e a Grã-Bretanha haviam falhado em garantir uma aliança com a União Soviética contra a Alemanha, e que a União Soviética estava interessada em uma aliança com a Alemanha contra a Polônia. Hitler já havia emitido ordens para se preparar para uma possível “solução do problema polonês por meios militares” através do cenário Case White.

Em maio de 1939, em uma declaração a seus generais enquanto eles estavam no meio do planejamento da invasão da Polônia, Hitler deixou claro que a invasão não viria sem resistência, como aconteceu na Checoslováquia:

“Com pequenas exceções, a unificação nacional alemã foi alcançada. Sucessos adicionais não podem ser alcançados sem derramamento de sangue. A Polônia sempre estará do lado de nossos adversários (...) Danzig não é o objetivo. Trata-se de expandir nosso espaço [vital] no leste, de tornar nosso suprimento de alimentos seguro e de resolver o problema dos estados bálticos. Para fornecer comida suficiente, você deve ter áreas pouco povoadas. Não há, portanto, questão de poupar a Polônia, e resta a decisão de atacar a Polônia na primeira oportunidade. Não podemos esperar uma repetição da Checoslováquia. Haverá luta.”

Em 22 de agosto, pouco mais de uma semana antes do início da guerra, Hitler fez um discurso aos seus comandantes militares em Obersalzberg:

“O objetivo da guerra é (...) fisicamente destruir o inimigo. Foi por isso que preparei, por um momento apenas no Oriente, minhas formações de ‘Cabeça da Morte’ [Einsatzgruppen] com ordens para matar sem piedade ou piedade todos os homens, mulheres e crianças de descendência ou língua polonesa. Somente assim podemos obter o espaço necessário.”

Com a surpreendente assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop em 23 de agosto, resultado de conversas secretas nazistas-soviéticas em Moscou, a Alemanha neutralizou a possibilidade de oposição soviética a uma campanha contra a Polônia e a guerra se tornou iminente. De fato, os soviéticos concordaram em

não ajudar a França ou o Reino Unido no caso de entrarem em guerra com a Alemanha pela Polônia e, em um protocolo secreto do pacto, os alemães e os soviéticos concordaram em dividir a Europa Oriental, incluindo a Polônia, em duas esferas de influência; o terço ocidental do país deveria ir para a Alemanha e os terços orientais para a União Soviética.

O ataque alemão estava originalmente programado para começar às 04h00min do dia 26 de agosto. No entanto, no dia anterior, 25 de agosto, o Pacto de Defesa Comum Polonês-Britânico foi assinado como um anexo à aliança Franco-Polonesa (1921). Nesse acordo, a Grã-Bretanha se comprometeu com a defesa da Polônia, garantindo a preservação da independência da Polônia. Ao mesmo tempo, os britânicos e os poloneses estavam sugerindo a Berlim que estavam dispostos a retomar as discussões – de maneira alguma como Hitler esperava enquadrar o conflito. Assim, ele vacilou e adiou seu ataque até o dia 1º de setembro.

No entanto, houve uma exceção: na noite de 25 a 26 de agosto, um grupo de sabotagem alemão (que não foi informada do adiamento da invasão) atacou a estação ferroviária Jabłonków Pass e Mosty, na Silésia. Na manhã de 26 de agosto, este grupo foi repellido por tropas polonesas. O lado alemão descreveu tudo isso como um incidente “causado por um indivíduo insano”.

No dia 26 de agosto, Hitler tentou dissuadir os britânicos e franceses de interferir no conflito que se aproximava, prometendo até que as forças da Wehrmacht seriam disponibilizadas para o império britânico no futuro. As negociações convenceram Hitler de que havia poucas chances de os aliados ocidentais declararem guerra à Alemanha e, mesmo que o fizessem, devido à falta de “garantias territoriais” para a Polônia, estariam dispostos a negociar um compromisso favorável à Alemanha após sua conquista da Polônia. Enquanto isso, o aumento do número de sobrevoos de aeronaves de reconhecimento de alta altitude e movimentos de tropas fronteiriças indicava que a guerra era iminente.

No dia 29 de agosto, motivada pelos britânicos, a Alemanha fez uma última oferta diplomática. Naquela noite, o governo alemão respondeu em uma comunicação que visava não apenas a restauração de Danzig, mas também o corredor polonês (que anteriormente não fazia parte das demandas de Hitler), além da salvaguarda da minoria alemã na Polônia. Ele disse que estava disposto a iniciar negociações, mas indicou que um representante polonês com poder de assinar um acordo deveria chegar a Berlim no dia seguinte, enquanto, entretanto, elaborava um conjunto de propostas.

O Gabinete britânico ficou satisfeito com o fato de as negociações terem sido acordadas, mas, ciente de como Emil Hácha havia sido forçado a assinar seu país em circunstâncias semelhantes apenas alguns meses antes, considerava a exigência de uma chegada imediata de um representante polonês com plenos poderes de assinatura. ultimato inaceitável. Na noite de 30 e 31 de agosto, o ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Joachim von Ribbentrop, leu uma proposta alemã de 16 pontos ao embaixador britânico.

Quando o embaixador solicitou uma cópia das propostas de transmissão ao governo polonês, Ribbentrop recusou, alegando que o representante polonês solicitado não havia chegado antes da meia-noite. Quando o embaixador polonês Lipski foi ver Ribbentrop mais tarde, em 31 de agosto, para indicar que a Polônia estava favorável às negociações, ele anunciou que não tinha todo o poder de assinar e Ribbentrop o demitiu. Foi então divulgado que a Polônia havia rejeitado a oferta da Alemanha e as negociações com a Polônia chegaram ao fim. Hitler deu ordens para que a invasão começasse logo depois.

Em 29 de agosto, o ministro polonês das Relações Exteriores, Józef Beck, ordenou a mobilização militar, mas, sob a pressão da Grã-Bretanha e da França, a mobilização foi cancelada. Quando a mobilização finalmente começou, aumentou a confusão geral no país se haveria ou não a guerra.

Em 30 de agosto, a Marinha polonesa enviou sua flotilha destruidora para a Grã-Bretanha, executando o Plano de Pequim. No mesmo dia, o Marechal da Polônia Edward Rydz-İgmięły anunciou a mobilização das tropas polonesas. No entanto, ele foi pressionado a revogar a ordem pelos franceses, que aparentemente ainda esperavam um acordo diplomático, sem perceber que os alemães estavam totalmente mobilizados e concentrados na fronteira polonesa.

Durante a noite de 31 de agosto, o incidente de Gleiwitz, um falso ataque na estação de rádio, foi realizado perto da cidade fronteiriça de Gleiwitz, na Alta Silésia, por unidades alemãs se passando por tropas polonesas, como parte da Operação Himmler. Em 31 de agosto de 1939, Hitler ordenou que as hostilidades contra a Polônia começassem às 4h45min da manhã seguinte. Devido à parada anterior, a Polônia conseguiu mobilizar apenas 70% de suas forças planejadas, e muitas unidades ainda estavam se formando ou se deslocando para as posições designadas na linha de frente.

As forças envolvidas na campanha

Alemanha

A Alemanha tinha uma vantagem numérica substancial sobre a Polônia e mobilizou um exército significativo antes do conflito. O *Heer* (exército) tinha 3.472 tanques em seu inventário, dos quais 2.859 estavam no Exército de Campo e 408 no Exército de Substituição. (a reserva das forças alemãs) 453 tanques foram designados em quatro divisões leves, enquanto outros 225 tanques estavam em regimentos e companhias destacados. Mais notavelmente, os alemães tinham sete divisões Panzer, com 2.009 tanques entre eles, utilizando uma nova e revolucionária doutrina operacional.

Defendeu que essas divisões deveriam agir em coordenação com outros elementos das forças armadas, perfurando buracos na linha inimiga e isolando unidades selecionadas, que seriam cercadas e destruídas. Isso seria seguido por infantaria mecanizada menos móvel e soldados de infantaria. A Luftwaffe (força aérea) forneceu força aérea tática e estratégica, particularmente bombardeiros de mergulho que interromperam as linhas de suprimento e comunicações. Juntos, os novos métodos foram apelidados de Blitzkrieg (guerra elétrica).

Enquanto o historiador Sir Basil Liddell Hart afirmou que “a Polônia era uma demonstração completa da teoria de Blitzkrieg”, alguns outros historiadores discordam.

A aviação teve um papel importante na campanha. Os bombardeiros também atacaram cidades, causando enormes perdas entre a população civil por meio de bombardeios e ataques terroristas. As forças da Luftwaffe consistiam em 1.180 caças, 290 bombardeiros de mergulho Junkers Ju 87 Stuka, 1.100 bombardeiros de nível, ou convencionais (principalmente os modelos Heinkel He 111 e Dornier Do 17) e uma variedade de 550 aviões de transporte (principalmente o Junkers Ju52/3m) e 350 aeronaves de reconhecimento.

No total, a Alemanha possuía quase 4.000 aeronaves, a maioria moderna. Uma força de 2.315 aeronaves foi mobilizada para a invasão. Devido à participação anterior na Guerra Civil Espanhola, a Luftwaffe era provavelmente a força aérea mais experiente, mais bem treinada e mais bem equipada do mundo em 1939.

Polônia

Surgindo em 1918 como um país independente, após 123 anos dominada por povos estrangeiros, a Segunda República Polonesa, quando comparada com países como Reino Unido ou Alemanha, era um país mais pobre e principalmente agrícola. Os poderes dominantes do país antes da reunificação não investiram no desenvolvimento da indústria, especialmente na indústria de armamentos em áreas etnicamente polonesas. Além disso, a Polônia teve que lidar com os danos causados pela Primeira Guerra Mundial. Isso resultou na necessidade de construir uma indústria de defesa do zero.

Entre 1936 e 1939, a Polônia investiu pesadamente na recém-criada Região Industrial Central. Os preparativos para uma guerra defensiva com a Alemanha estavam em andamento por muitos anos, mas a maioria dos planos supunha que os combates não começariam antes de 1942. Para arrecadar fundos para o desenvolvimento industrial, a Polónia vendeu grande parte do equipamento moderno que produzia. Em 1936, foi criado um Fundo Nacional de Defesa para coletar os fundos necessários para o fortalecimento das forças armadas polonesas.

O exército polonês tinha aproximadamente um milhão de soldados, mas nem todos foram mobilizados até o dia 1º de setembro, devido às indecisões dos líderes poloneses já citadas. Os retardatários sofreram baixas significativas quando o transporte público se tornou alvo da Luftwaffe. Os militares poloneses tinham menos forças blindadas do que os alemães, e essas unidades, dispersas na infantaria, não conseguiram engajar efetivamente os alemães.

As experiências na Guerra Polonês-Soviética moldaram a doutrina organizacional e operacional do Exército Polonês. Ao contrário da guerra de trincheiras da Primeira Guerra Mundial, a Guerra Polaco-Soviética foi um conflito no qual a mobilidade da cavalaria desempenhou um papel decisivo. A Polónia reconheceu os benefícios da mobilidade, mas não conseguiu investir pesadamente em muitas das invenções caras e não comprovadas desde então.

Apesar disso, as brigadas de cavalaria polonesas foram usadas como uma infantaria montada móvel e tiveram alguns sucessos contra a infantaria e a cavalaria alemãs.

A divisão de infantaria polonesa média consistia em 16.492 soldados e era equipada com 326 metralhadoras leves e médias, 132 metralhadoras pesadas, 92 rifles antitanque e várias dezenas de artilharia de campo leve, média, pesada, antitanque e antiaérea. Ao contrário de 1.009 carros e caminhões e 4.842 cavalos na divisão de infantaria alemã média – a divisão de infantaria polonesa média tinha 76 carros e caminhões e 6.939 cavalos.

A Força Aérea Polonesa (Lotnictwo Wojskowe) estava em grande desvantagem contra a Luftwaffe alemã devido à inferioridade nos números e à obsolescência de seus aviões de combate. No entanto, ao contrário da propaganda alemã, ela não foi destruída no solo – na verdade, foi dispersa com sucesso antes do início do conflito e nenhum de seus aviões de combate foi destruído no solo nos primeiros dias do conflito.

Na era do rápido progresso na aviação A Força Aérea Polonesa carecia de caças modernos, devido em grande parte à retirada de muitos projetos avançados, como, por exemplo, o PZL.38 Wilk e o atraso na introdução do novo caça polonês moderno PZL.50 Jastrząb. No entanto, seus pilotos estavam entre os mais bem treinados do mundo, como comprovado um ano depois na Batalha da Grã-Bretanha, na qual os exilados poloneses integrados a Força Aérea Real (RAF) tiveram um papel notável.

No geral, os alemães gozavam de superioridade numérica e qualitativa da aeronave. A Polônia tinha apenas cerca de 600 aeronaves, das quais apenas os bombardeiros pesados PZL.37 Łoś eram modernos e comparáveis aos seus equivalentes alemães. A Força Aérea Polonesa tinha cerca de 185 PZL P.11 e cerca de 95 caças PZL P.7, 175 PZL.23 Karaś B, 35 Karaś como bombardeiros leves. No entanto, para a Campanha de setembro, nem todas essas aeronaves foram mobilizadas. No dia 1º de setembro, de cerca de 120 bombardeiros pesados PZL.37 produzidos, apenas 36 PZL.37 estavam disponíveis, o restante sendo principalmente em unidades de treinamento.

Todas essas aeronaves eram de design local polonês, com os bombardeiros mais modernos que os caças, de acordo com o plano de expansão da força aérea de Ludomił Rayski, que contava com uma forte força de bombardeiros. A Força Aérea Polonesa consistia em uma “Brigada de Bombardeiros”, “Brigada de Perseguição” e aeronaves designadas aos vários exércitos terrestres. Os combatentes poloneses eram mais velhos que os alemães; o caça PZL P.11 – produzido no início dos anos 1930 – tinha uma velocidade máxima de apenas 365 km/h (227 mph), muito menor do que os bombardeiros alemães. Para compensar, os pilotos confiaram em sua capacidade de manobra e alta velocidade de mergulho.

As decisões da Força Aérea Polonesa de fortalecer seus recursos chegaram tarde demais, principalmente devido a limitações orçamentárias. Como ordem de “último minuto” no verão de 1939, a Polônia comprou 160 caças franceses

Morane-Saulnier MS406 e 111 aviões ingleses (100 bombardeiros leves Fairey Battle, 10 caças Hawker Hurricane e 1 caça Supermarine Spitfire (a venda de 150 Spitfires solicitada pelo governo polonês foi rejeitada pelos ingleses). Apesar de alguns desses aviões terem sido enviados para a Polônia (o primeiro transporte de aeronaves compradas no navio *Lassel* partiu de Liverpool em 28 de agosto de 1939), nenhum deles participaria em combate, por falta de pilotos treinados para voá-los.

A Força Aérea Polonesa, no final de 1938, encomendou à PZL também 300 modernos bombardeiros leves PZL.46 Sum, mas devido ao atraso no início da produção em massa, nenhum deles foi entregue antes de 1º de setembro de 1939. Quando, na primavera de 1939, houve problemas com a implementação do projeto do novo caça polonês PZL.50 Jastrząb, decidiu-se implementar temporariamente a produção do caça PZL P 11.G Kobuz. No entanto, a eclosão da guerra também fez com que nenhuma das 90 aeronaves encomendadas fosse entregue ao exército.

Na Parte II, veremos o desenrolar do conflito, a entrada dos soviéticos na guerra e o seu desfecho.

**Luiz Reis é brasileiro com alma paulista e reside em Fortaleza/CE. Luiz é colaborador do Canal Arte da Guerra e atuou nos blogs da trilogia Forças de Defesa entre 2013 e 2018. É Professor de História da Rede Oficial de Ensino do Estado do Ceará e da Prefeitura de Fortaleza, Historiador Militar, entusiasta da Aviação Civil e Militar e um amante da vida, da fotografia, dos animais e da Fátima. E-mail: lcareis@gmail.com.*
